

## Comentários e pontuações sobre o artigo “Ciência no Instagram: Análise da Divulgação Científica no Universo dos Likes e Reels”

Gabriel Monteiro Rolim<sup>1</sup>

O seguinte artigo, de Naiara Gonçalves Corrêa da Cruz e Zilene Moreira Pereira, se trata de um levantamento, entre os perfis jornalísticos BBC Brasil e Folha de São Paulo, na rede social Instagram. Os dados levantados nos apontam que, em nosso país, a divulgação científica por meio jornalístico ainda é fraca, tanto no quesito diversidade de temas, quanto na divulgação de feitos científicos brasileiros. No entanto, mesmo nesse cenário, as pesquisadoras apontam que há uma ânsia por parte dos seguidores, em engajar nos debates científicos. Assim, evidenciando um interesse em ter acesso aos conhecimento científico produzidos dentro e fora do Brasil.

Em princípio, as autoras realçam qual era a relação dos cientistas com as pessoas leigas. Inicialmente, os cientistas tinham o intuito de somente divulgar as pesquisas que eram feitas, sem pontuar, didaticamente, tais informações, para que as pessoas, em seus devidos contextos, compreendessem e conversassem com essas pesquisas. Com o passar do tempo, foi sentida a necessidade de, não somente transmitir o conhecimento, mas trazer um pensamento crítico para as pessoas, e fazer com que elas fossem também ouvidas.

Tal necessidade foi amplamente sentida no período da pandemia de COVID-19. Com as diferentes narrativas e notícias falsas que surgiram na época, houve a necessidade de criar canais diretos de comunicação com as pessoas para: esclarecer o que era uma pandemia; o que era o vírus que nos afetava; como eles nos afetava e elucidar que as vacinas eram eficazes.

O contexto pandêmico foi decisivo para reconstruir nossa relação com a ciência, principalmente no Brasil. Como pontuam as autoras, a divulgação científica não pode ser unilateral, e, naquela época, as redes sociais tiveram um papel muito atuante em conversar, trazer reflexões

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela UFC, com interesse em Filosofia Antiga e Filosofia da Informação. E-mail: [gaabmonteeiro@gmail.com](mailto:gaabmonteeiro@gmail.com)

**Revista Interdisciplinar**

sobre o que afligia o mundo naquele momento. Nesse quesito, as plataformas da Fiocruz e Universidade de São Paulo foram ótimos exemplos dessa atuação.

No capítulo intitulado “A Ciência E Sua Popularização No Brasil” somos apresentados às minuciosidades da relação brasileira com a divulgação científica. Ainda em 1808, se começam mudanças estruturais no Brasil com a chegada da corte portuguesa. Dentre as mudanças, está o ensino brasileiro seguindo os padrões francês, que influenciou a publicação de notícias voltadas às revoluções científicas que estavam acontecendo no mundo, como a conquista do espaço.

As autoras demonstram que tal avanço foi lento, somente se concretizando no final do século 19. E ademais, havia uma certa fragilidade em calcular como a comunicação científica ocorreria em nosso país. Mesmo assim, é nessa época que temos a criação de institutos como CNPQ E IBICT - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, respectivamente.

Em “Comunicação Científica, Divulgação Científica E Jornalismo Científico” nos é apresentado a nuances que envolvem a divulgação científica. As descobertas científicas, tecnológicas e de inovação por vezes ficam retidas a aqueles especialistas, que, por ventura, já estão familiarizados com determinados jargões técnicos. Afinal, os congressos, o periódico, fazem parte dessa etapa.

Até aqui, as autoras se preocupam com dois tipos de informação científica: 1) Comunicação Científica e 2) Divulgação Científica. Diferenciando-as de maneira sucinta, a primeira fica no âmbito acadêmico e seus jargões, enquanto a segunda preza por uma comunicação com a grande massa popular, e seus diversos meios de comunicar uma informação - livros, palavras, cordéis etc.

No entanto, apontam as autoras, uma vez que se pretende fazer com que a inovações científicas e tecnológicas se façam presentes na vida de todos, é preciso um elo que saiba manusear os diferentes tipos de linguagem para o público geral. E é nesse momento, que o papel do jornalista se faz presente como o intermediário entre esses âmbitos, ou seja, através do jornalismo científico.

Essa modalidade cumpre diferentes papéis, tais como: informativo, educativo, social, cultural, econômico e político-ideológico. Contudo, pela forma como ela difunde as informações para as pessoas, às vezes acontece que todo o processo de formulação, e debate acadêmico, é generalizado nas reportagens. Aos olhos de alguns cientistas, isso causa um “ruído” na qualidade dessas informações, e, a depender da forma como tal informação foi recebida, é suscetível a

**Revista Interdisciplinar**

sensacionalismo e espetacularização. Dessa forma, esse trabalho ainda requer um melhor aperfeiçoamento entre as partes. O que já vem ocorrendo, como bem demonstra as autoras ao citar um abalo sísmico na Índia, onde a divulgação e comunicação científica ocorreu junto com a mídia.

No quarto capítulo, “Divulgação Científica Na Internet E Redes Sociais”, as autoras demonstram como a relação da divulgação científica precisa ser aperfeiçoada principalmente na captação como as notícias chegam as pessoas, e o entendimento que elas fazem ao lerem as informações. Dessa forma, as pesquisadoras criam uma ligação direta a rede social Instagram, como um exemplo de uma plataforma que tem sido utilizada para a divulgação científica.

Para demonstrar isso, as pesquisadoras explicam como a pesquisa ocorreu e quais foram os critérios usados em suas metodologias. Utilizando do método netnográfico, análise de plataformas virtuais e as interações dos usuários presentes nelas. Através do Instagram, rede social escolhida, as autoras traçam correspondências entre os perfis jornalísticos a “Folha de São Paulo” e “BBC Brasil” e as interações de seus leitores com suas postagens. Justamente por não conter somente postagens de cunho científico, a pesquisa busca observar o interesse e contrastes dos leitores com *post* voltados às outras áreas, como veremos categorizadas abaixo, a medida de comparação, durante o período de um ano.

Ao observarem as interações, os primeiros dados que nos são apresentados é a ênfase que ambos os perfis dão a tópicos como: saúde humana, história e arqueologia. Do mesmo modo, as autoras identificam que as postagens voltadas para área da saúde humana, são as que recebem mais feedback dos usuários. Assim, sendo mais recorrentes.

Com todas as postagens identificadas, elas foram categorizadas da seguinte maneira: Atualidades, Divulgação científica, Medicina/ Relato, Personalidades Influentes, Política, Reportagem científica e Reportagem histórica. As autoras fazem essa distinção, pois A) assim conseguem distinguir quais postagens seguem o perfil de divulgação científica e B) por elas seguirem a padronização da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação, sobre Análise de Conteúdo. Nas definições ali protocoladas, se toma como critério citação das fontes da pesquisa analisada - instituições, pesquisadores, etc.

Em forma quantitativa a pesquisa se divide em quatro eixos: 1) Número de publicações de divulgação científica em relação ao número total, mensal e anual de publicações das páginas; 2) Comparação das interações nas publicações de pesquisas em saúde humana com as obtidas em

**Revista Interdisciplinar**

todas as postagens de divulgação científica; 2.2) Comparações entre as interações em publicações sobre saúde humana e outros temas; 3) Quantificação das divulgações de pesquisas nacionais e internacionais, e 4) Uma análise do conteúdo dos comentários deixados nos *posts*.

Como resultado desses eixos, podemos perceber a fragilidade da divulgação científica em nosso país. E o choque se encontra logo no eixo 1) Número de publicações de divulgação científica em relação ao número total, mensal e anual de publicações das páginas. Nele, quando as autoras tratam os dados da BBC Brasil, é constatado que somente 14,6%, de uma base de 100 posts mensais, eram relacionados à divulgação científica. Já na Folha de São Paulo, o número é ainda mais alarmante. Somente 1,7% das postagens, de uma média de 659 *posts*, eram ligados à divulgação científica. As pesquisadoras reiteram que o número seria maior, em ambos os casos, caso a pesquisa não seguisse a métrica da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação.

No eixo 2) Publicações sobre saúde humana e as interações com as demais postagens de divulgação científica, encontramos com maior otimismo os números obtidos. Por se tratar de uma pesquisa feita em 2023, após a pandemia de COVID-19, há uma forte tendência que as postagens que envolvam a área da saúde tenham um número maior de *likes* em comentários. A pesquisa aponta que, no perfil da BBC Brasil, o engajamento quando a postagem é sobre saúde é de: 40000 curtidas e 500 comentários. Em contraponto as outras postagens: por volta de 37000 curtidas e 420 comentários. Já na Folha de São Paulo, temos 10000 curtidas e 180 comentários, quando o tópico é saúde. E 8300 curtidas e 160 comentários nos demais tópicos.

No entanto, no eixo 3) Quantificação das divulgações de pesquisas nacionais e internacionais voltamos a nos surpreender com os resultados obtidos. As autoras relatam que já esperavam um número baixo de pesquisas brasileiras divulgadas no perfil da BBC Brasil, devido a sua origem estrangeira. No entanto, o resultado foi mais baixo que o esperado. Cerca de 71% das pesquisas científicas divulgadas eram de origem estrangeiras. Já na Folha de São Paulo, o resultado foi mais animador - mesmo que inicialmente tenha sido reportado a baixa frequência de divulgação científica. Cerca de 51,9% das pesquisas divulgadas pela Folha eram brasileiras. E, mesmo quando eram estrangeiras, se identificou que provinha de alguma parte da América Latina - 40,6%.

As autoras demonstram que tal postura se demonstra como decolonial perante uma influência científica europeia e norte americana. De modo que reitera uma posição soberana, não apenas do Brasil em produzir ciência, mas também dos países vizinhos que completam a América Latina.

**Revista Interdisciplinar**

Por fim, o eixo 4) Análise dos comentários em publicação de saúde humana. Para analisar a interação na seção de comentários, as pesquisadoras separaram um *post* de conteúdo similar em ambos perfis. Assim, tanto na BBC Brasil, quanto na Folha de São Paulo, houve a produção de uma postagem sobre a Febre Maculosa - uma doença bactericida transmitida por carrapatos - no mês de junho. Desse modo, ela foi a analisada para este tópico.

As pesquisadoras fizeram uma escolha metodológica de separar os comentários entre: A) comentários que não eram relacionados ao tema e B) comentários relacionados com tema. Tal escolha nos surpreende, pois os resultados obtidos demonstram intenções além das imaginadas. Em ambos os perfis haviam os dois lados. Enquanto nos comentários da BBC Brasil, no quesito A, havia forte tendência a chacota, uso de emojis, e também manifestações políticas e religiosas; o mesmo quesito, no perfil Folha de São Paulo, era acompanhado de frases de efeito sem atribuir juízo de valor. No quesito B, em ambos perfis, havia críticas à elaboração dos textos, dúvidas sobre metodologias de pesquisa ou de contágio, como também parabenizações à pesquisa.

Contudo, como realça as autoras, é alarmante a animosidade política e religiosa que inunda nosso país. Em que, mesmo em um ambiente onde se inicialmente está se buscando compartilhar uma informação valiosa para o bem estar social, pode ser inundada, ou mal interpretada, como “partidária” ou contra os princípios religiosos de alguém. Assim, criando mais um empecilho que precisa ser observado no processo de divulgação científica nessas plataformas no Brasil.

Assim, com nuances valiosas, as autoras nos mostram que há um caminho longo para que a divulgação científica se adapte, e conquiste espaço popular. No entanto, tal apreço requer um esforço coletivo, e não somente unilateral. A pesquisa aponta que, por desejo dos usuários, há um interesse em saber o que tem sido pesquisado, o que há de avanço e inovador nas ciências. Porém, ainda é preciso um melhor letramento, um manejo com as palavras para contornar as animosidades políticas e religiosas, como também uma valorização de nossos pesquisadores e pesquisadoras.

Podemos nos indagar quantas outras áreas, como estudos das humanidades, por exemplo, não poderiam ser contempladas com alguma divulgação semanal? Seria de uma ajuda, inclusive, para aproximar, e valorizar, uma área que tem tanto a contribuir para um sentimento de bem estar, e de soberania dos brasileiros como aqueles que pensam o avanço do país em conjunto com seus pesquisadores.